



Senhora Presidente da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Familiar

Senhor Presidente do Conselho Diretivo da ARSLVT

Caros professores e investigadores,

Senhoras e senhores,

Foi com **particular satisfação que recebi o convite** para esta sessão de abertura do 2.º Congresso Internacional de Enfermagem de Saúde Familiar e 1.º Congresso Ibérico de Saúde da Família.

Desde há anos que **acompanho o trabalho da Senhora Presidente da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Familiar**, na pessoa de quem saúdo toda a sociedade pela sua visão quanto à relevância desta área profissional para a sustentabilidade do nosso sistema de saúde. O apreço pela sua coerência científica e de ação levaram-me a não poder deixar de estar presente, neste momento do ciclo político em que todo o esforço se dirige à programação da ação governativa.



É sabido que **os cuidados de saúde primários são a base do sistema de saúde português**. Destaco que, mesmo antes da Declaração de Alma-Ata, em 1978, e da criação do Serviço Nacional de Saúde, em 1979, entre nós, a **reforma precursora de Arnaldo Sampaio e Gonçalves Ferreira, em 1971**, lançou a aposta nos cuidados de saúde primários e criou os primeiros centros de saúde.

Acredito que **esta aposta foi determinante** para os ganhos em saúde de que hoje tanto nos orgulhamos como país e que **o nosso sucesso futuro**, face aos enormes desafios que enfrentamos, **também tem a chave nesta área**.

Senão vejamos. Ao nível global, a **Agenda 2030 para a Cobertura Universal de Saúde** destacou o papel da enfermagem de saúde familiar no objetivo de prestação de cuidados de saúde primários universais e abrangentes.

Também o **International Council of Nurses** reconheceu o papel privilegiado dos enfermeiros na prestação de cuidados de saúde às famílias, tendo dedicado o ano de 2002 à enfermagem de família.



Ora, importa reconhecer que, **em Portugal, a enfermagem de saúde familiar tem entrado e saído da agenda política da saúde nos últimos 10 anos.** E é necessário que a enfermagem de família ocupe, definitivamente, a agenda política.

Vale a pena recordar que o **Enfermeiro de Família foi criado em 2014**, pelo Decreto-Lei n.º 118/2014, de 5 de agosto, tendo-lhe sido atribuída competência pela prestação de cuidados de enfermagem globais a famílias, em todas as fases da vida e em todos os contextos da comunidade.

Contudo, já, **em 2010, nos Açores**, uma equipa de 12 enfermeiros avançara com a **primeira experiência de prestação de cuidados pelo enfermeiro de família**, ficando responsáveis por cerca de 4 000 famílias.

Em 2011, a Ordem dos Enfermeiros publicou o primeiro Regulamento das Competências Específicas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Saúde Familiar. Apesar disso, a área de especialidade em enfermagem de família só veio a ser reconhecida em 2018.



Apesar do mandato e do esforço realizado pelos **grupos de trabalho constituídos, em 2012, em 2016 e em 2019**, para preparar a legislação sobre a metodologia de ação do enfermeiro de família, **a efetiva implementação no SNS tarda em ocorrer**, ainda que dela necessitemos com urgência, e não obstante a tentativa, **em 2015**, de avançar com as **primeiras experiências piloto em Portugal continental**.

Senhoras e senhores

São muitos os **desafios que hoje se colocam ao sistema de saúde português e ao SNS em especial**. O primeiro, prende-se com o **envelhecimento demográfico, as alterações epidemiológicas e as multimorbilidades**.

Portugal é um país envelhecido. Os portugueses vivem, hoje, vidas mais longas. Mas a sua esperança média de vida saudável à nascença não acompanhou, na mesma proporção, o aumento da esperança de vida. E aos 65 anos os portugueses têm apenas 6 anos de esperança de vida saudável,



ao passo que os nórdicos têm mais de 15 anos. Por outro lado, os portugueses têm menos filhos. O índice sintético de fecundidade permanece num valor muito abaixo do necessário para a reposição geracional. Por efeito destes dois fatores, a estrutura demográfica do país alterou-se substancialmente: 21% dos portugueses têm mais de 65 anos e apenas 14% menos de 15 anos.

Portugal é um país na quarta transição epidemiológica. A mortalidade deslocou-se dos grupos mais jovens para os mais idosos e a morbilidade prevalente das doenças infecciosas para as doenças não transmissíveis. As doenças do aparelho circulatório e os tumores malignos são as principais causas de morte e também as principais causas de morte prematura. Os seus principais fatores de risco são comportamentais, associados ao consumo de álcool, tabaco, dieta inadequada e sedentarismo. As principais causas de anos vividos com incapacidade são as doenças não transmissíveis, destacando-se as perturbações músculo-esqueléticas e as doenças mentais.

Os portugueses enfrentam cada vez mais multi-morbilidades. 60% dos inquiridos no último Inquérito Nacional de Saúde referiu sofrer de uma ou



mais doenças crónicas. Como consequência natural do envelhecimento, as demências estão a aumentar, estimando-se uma prevalência de 7% na população com mais de 60 anos.

O efeito conjugado destes fatores tem gerado uma pressão crescente na procura de cuidados de saúde.

A resposta a este desafio implica **MELHORAR A QUALIDADE DO ACESSO**. Importa continuar o investimento na resolutividade dos cuidados de saúde primários, conferindo-lhes meios para responder em proximidade às necessidades em saúde dos portugueses.

O Ministério da Saúde reconhece o papel fundamental da enfermagem de família na prestação de cuidados de saúde primários, universais e abrangentes e aprendeu com uma história de avanços e recuos de quase uma década.

Sabemos que os enfermeiros estão preparados para o desafio da enfermagem de família; sabemos mesmo que mais de 70% se sentem particularmente preparados na área da saúde do adulto e do idoso e na



gestão da doença crónica, áreas fundamentais para a população portuguesa.

Temos o que é necessário ao avanço da enfermagem familiar. Temos especialistas, com **competências** bem definidas e altamente competentes, temos enfermeiros **experientes**, temos programas de formação sólidos, baseados no melhor conhecimento disponível. Temos **vontade. Não vamos perder a oportunidade de lançar a enfermagem de família como um dos pilares dos cuidados de saúde primários.**

Na próxima legislatura, queremos garantir uma equipa de saúde familiar a todos os portugueses e esta equipa tem de incluir o enfermeiro de família.

É a este enfermeiro que caberá cuidar da família e de cada um dos seus membros, ao longo do ciclo vital e dos diferentes níveis de prevenção.

É preciso trabalhar em conjunto, unir esforços, inovar, aprender, avançar.

O enfermeiro de família tem de se tornar uma realidade dos cuidados de saúde primários!

Muito obrigada!